Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Revista Mutirõ. Folhetim de Geografias Agrárias do Sul, v. 5 n. 4 (2024) •https://doi.org/10.51359/2675-3472.2024.260520
Submissão: 02/10/2024 • Aprovação:15/11/2024

FOLHETIM DE GEOGRAFIAS AGRÁRIAS DO SUL
Revista Mutirõ
ISSN: 2675-3472

Entre eólicas, minerais, solos e águas: Vivências nas comunidades de Fundo de Pasto no Centro-Norte Baiano

Jhonata Marcelino da Silva [I], José Mário de Lima Barbosa Júnior [II], Maria da Conceição da Silva [III], Vitor Aluizio Cavalcante de Oliveira Lima, [IV], Sabrina Pereira Barbosa [V]

[I] Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil
Orcid:https://orcid.org/0009-0000-9635-7394
[II] Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil
Orcid:https://orcid.org/0009-0001-1574-9060
[III] Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil
Orcid:https://orcid.org/0009-0001-1574-9060
[IV] Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil
Orcid:https://orcid.org/0009-0007-8804-6757
[V] Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil
Orcid:https://orcid.org/0009-0006-8729-2959

RESUMO

As transformações no meio rural brasileiro, impulsionadas por grandes empreendimentos econômicos, têm gerado profundas mudanças nos territórios e modos de vida tradicionais. No Centro-Norte Baiano, especialmente no município de Senhor do Bonfim e seus arredores, destacam-se os impactos provocados pelos empreendimentos de energia eólica e extração mineral sobre as comunidades de fundo e fecho de pasto. Este artigo busca analisar como essas iniciativas afetam os modos de vida e a organização social dessas comunidades. Com base em uma atividade de campo da disciplina de Geografia Agrária, o trabalho sintetiza as observações realizadas, articulando teoria e prática para refletir sobre as mudanças enfrentadas pelo campesinato diante das pressões do desenvolvimento.

Palavras-chaves: fundo de pasto; energia eólica; transformações territoriais

Between wind, minerals, soil and water: Experiences in the communities of Fundo de Pasto in Central-North Bahia

ABSTRACT

The transformations in the Brazilian rural environment, driven by large economic enterprises, have generated profound changes in the territories and traditional ways of life. In the Center-North of Bahia, especially in the municipality of Senhor do Bonfim and its surroundings, the impacts caused by wind energy and mineral extraction enterprises on the bottom and pasture closure communities stand out. This article seeks to analyze how these initiatives affect the ways of life and social organization of these communities. Based on a field activity of the discipline of Agrarian Geography, the work synthesizes the observations made, articulating theory and practice to reflect on the changes faced by the peasantry in the face of the pressures of development.

Keywords: fundo de pasto; wind energy, territorial transformations

Entre viento, minerales, suelos y aguas: Experiencias en las comunidades del Fundo de Pasto en el Centro-Norte de Bahia

RESUMEN

Las transformaciones en el medio rural brasileño, impulsadas por grandes emprendimientos económicos, han generado profundos cambios en los territorios y modos de vida tradicionales. En el Centro-Norte de Bahía, especialmente en el municipio de Senhor do Bonfim y sus alrededores, se destacan los impactos provocados por los emprendimientos de energía eólica y extracción mineral en las comunidades de fondo y cierre de pastos. Este artículo busca analizar cómo estas iniciativas afectan los modos de vida y la organización social de estas comunidades. Con base en una actividad de campo de la disciplina de Geografía Agraria, el trabajo sintetiza las observaciones realizadas, articulando teoría y práctica para reflexionar sobre los cambios enfrentados por el campesinado frente a las presiones del desarrollo.

Palabras claves: pastos; energía eólica; transformaciones territoriales

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar as possíveis relações existentes entre os fundamentos teóricos da questão agrária e a produção do espaço em relação às comunidades de Fundo de Pasto. Para isso, foi realizado trabalho de campo no mês de agosto de 2023, na região ao norte do estado da Bahia, local ao qual pôde-se conhecer as comunidades. Nestes espaços, percebe-se uma relação distinta com o próprio território, uma formação histórica e social com características que a torna peculiar para a realização da pesquisa. De acordo com Marques (2016):

> Reconhecer os processos que marcaram a estruturação das comunidades de Fundo de Pasto é acompanhar os diversos desdobramentos da ocupação e colonização do semiárido brasileiro, de acordo com formas de reger e controlar a terra e mecanismos jurídicos e sociais que foram fundamentais para que, dialeticamente, se formassem tanto o latifúndio como os pequenos apossamentos camponeses. (Marques, 2016, p.348)

Nesse sentido, a organização do "Sistema Fundo de Pasto" (Torres, 2010) se configura como um produto destas relações espaciais geradas pelas dinâmicas históricas do

semiárido e da colonização, indicando que territorialidades de uso comum foram o caminho seguido para a soberania socioespacial.

No entanto, o modelo de desenvolvimento econômico voltado à exploração de recursos naturais, imbrica nas relações socioespaciais, gerando assim diversas contradições mediante o crescimento econômico (Harvey, 2010). Por mais que a terra de uso em comum seja uma prática atípica para os tempos modernos, e que junto com isso, gere territorialidades solidárias de cooperação, os processos econômicos capitalistas impelem estas dinâmicas sociais ao processo de dissolução, visto que tal abordagem se apresenta como obstáculo para o acúmulo de capital. É neste sentido que Marques diz que:

> (...) é fundamental também refletir sobre os processos que levaram à persistência destas comunidades, considerando que apresentam formas de apropriar-se da terra e de instituir território diferenciadas da forma como se organiza o capital agrário e algumas formas mais presentes de economia camponesa. (Marques, 2016, p.354)

Portanto, a formação regional do Sistema Fundo de Pasto é um produto histórico e social das relações estabelecidas, indicando caminhos possíveis para pesquisa e investigação dos processos territoriais e agrários. As dinâmicas que serão discutidas visam caracterizar e contribuir para o entendimento destas organizações socioespaciais distintas, a qual se apresenta como possibilidade de um modo de vida particular no semiárido baiano.

2. METODOLOGIA

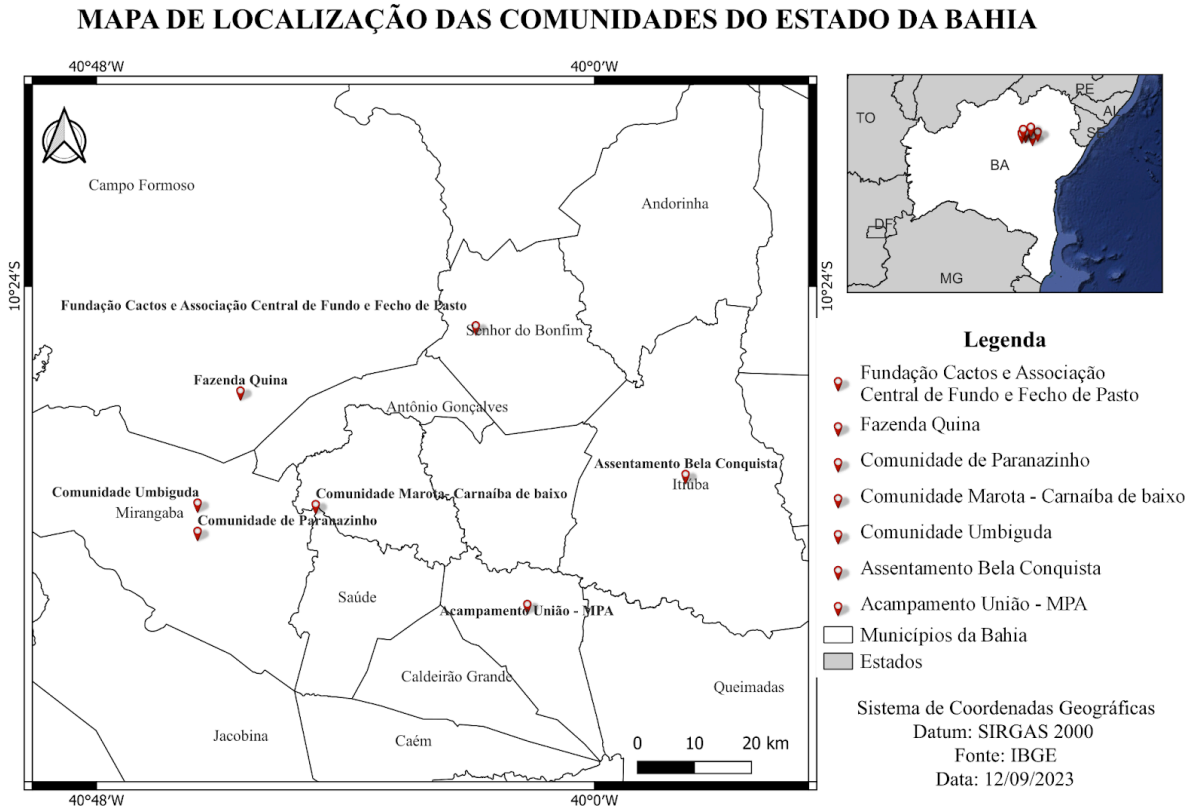
O presente artigo tem como objetivo discutir os caminhos percorridos pelo Centro-Norte do Estado da Bahia, no período de 14 a 18 de agosto de 2023, visando compreender a dinâmica das comunidades de Fundo de Pasto. O estudo parte da análise das condições dessas comunidades e busca apreender as relações de poder construídas no contexto da questão agrária. Os procedimentos metodológicos adotados combinaram uma etapa de revisão teórica e um trabalho de campo exploratório. A leitura prévia de autores que discutem a questão agrária, como Kautsky, Chayanov, Engels, Marques, Traldi, etc. contribuíram para fundamentar a análise das dinâmicas socioeconômicas e territoriais das comunidades visitadas.

Durante o trabalho de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os residentes das comunidades, explorando aspectos relacionados aos modos de vida, às práticas tradicionais de manejo territorial e aos impactos de grandes empreendimentos econômicos, como a energia eólica. Para preservar a identidade dos participantes, os entrevistados serão referidos no texto como Entrevistado 1, Entrevistado 2, e assim sucessivamente. A abordagem adotada foi qualitativa, buscando compreender as experiências e percepções dos sujeitos a partir de suas vivências cotidianas. A articulação entre as observações in loco e o referencial teórico permitiu construir uma análise integrada das dinâmicas do campesinato e dos desafios enfrentados pelas comunidades de Fundo de Pasto em sua luta pela manutenção de seus territórios e modos de vida.

3. CONFIGURAÇÃO SOCIOESPACIAL DO CENTRO-NORTE BAIANO

Localizada na bacia do rio Itapicuru, a cidade de Senhor do Bonfim, local central da pesquisa, possui uma população de 74.490 pessoas, segundo dados do último censo promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A mesorregião é politicamente denominada Centro-Norte Baiano, e é onde todas as comunidades visitadas se localizam como demonstra a figura 1.

Figura 1 - Mapa de localização das comunidades visitadas



Fonte: Autores, (2023)

No Centro-Norte Baiano predominam paisagens características de caatinga e, nas maiores altitudes, de brejos. A caatinga, que por sua vez é sempre atrelada à pobreza, fome e miséria, se mostra nesta vivência um espaço de desenvolvimento e conservação dos valores tradicionais de comunidades sertanejas que sobrevivem com o espaço o qual estão inseridas e trabalham em união preservando os bens naturais. O ciclo de vivência na caatinga é totalmente diferente das demais mesorregiões brasileiras. A adequação da população com o espaço é um dos fatores que possibilita o desenvolvimento em diferenciação dos demais povos, evidenciando ao mesmo tempo que a caatinga, em suas particulares, que por mais que no senso comum seja interpretada como inóspita, demonstra na sua relação com o homem uma larga capacidade de resiliência e produção, evidenciado que "o sertanejo é, antes de tudo, um forte" (CUNHA, 1902, p. 13).

Os brejos nesse sentido devem ser destacados, considerando que são ambientes ricos em diversidade produtiva, e consequentemente propício a ter uma maior densidade de produção, sendo uma peça chave nesta análise. Esse ecossistema único, faz parte da história nordestina, levando vida para ambientes onde não se pensa que pode existir uma vasta variedade de produção.

4. ACAMPAMENTO UNIÃO

Após cruzarmos a divisa entre os estados de Pernambuco e Bahia, no segundo dia de excursão de campo, nos dirigimos até o município de Ponto Novo/BA, onde foi realizada uma visitação ao Acampamento União do MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) com a finalidade de conhecer melhor a realidade daquelas pessoas que ali vivem. Esse acampamento foi iniciado no dia 16 de outubro de 2017, coincidindo com o Dia Mundial da Alimentação, e foi realizada a ocupação das terras na forma de núcleos de territórios. Essas terras que antes se encontravam abandonadas eram de posse da empresa Sitio Barreiras, que por muito tempo não utilizavam aquela área e, com isso, ela se tornou improdutiva. Além disso, vale destacar que existe uma diferença entre ocupação e invasão, pois a primeira se refere ao intuito de ocupar a terra para poder produzir nela e criar laços de pertencimento. Essa foi a forma utilizada por esses pequenos agricultores com a intenção de possuírem um espaço para produzirem alimentos e terem acesso à terra.

Dentre os alimentos que são produzidos no Acampamento União, destaca-se a melancia, o milho, a abóbora, o feijão, o tomate, a cana-de-açúcar e a mamona. Todos esses alimentos não são impactados pelos agrotóxicos, pois os mesmos não são utilizados nas plantações, devido ao risco que eles causam ao próprio alimento e à saúde das pessoas que irão consumi-los. Dentre toda essa produção, a principal comercialização desses agricultores é a mamona, a qual possui diversas propriedades farmacêuticas, mas as famílias acampadas comercializam essa planta para ser vendida e transformada em biodiesel. Segundo os agricultores mais experientes do local, a mamona é plantada e colhida após sete meses, pois esse é o tempo hábil para a sua maturidade e melhor aproveitamento do produto. No mercado, esse famoso arbusto custa em média R$2,50 o quilo, cujo preço é muito atrativo para ser mais uma fonte de renda das famílias produtoras dessa planta.

Diante desse contexto, alguns relatos dos pequenos agricultores merecem a devida relevância no quesito da importância da terra e, o Entrevistado 1 relata que seu desejo é de trabalhar na terra para conquistar o sonho que o seu pai tinha de possuir um lote para produzir e sentir-se realizado. Porém, mesmo com todos os empecilhos, o entrevistado 1 ainda sonha em cursar o ensino superior e não mede esforços para alcançar esse objetivo que é o desejo de muitos. Mesmo nesta luta, existe no acampamento uma espécie de sala de aula improvisada, na qual são ministradas as aulas do EJA (Educação de Jovens e Adultos), e os acampados podem concluir os seus estudos de onde interromperam por alguma razão. Já o Entrevistado 2, que possui muita experiência em agricultura, sente o desejo de aumentar a produção, no entanto, lamenta a pouca disponibilidade de água para a sua plantação. Infelizmente, o problema da água também interfere no desempenho das funções dos pequenos agricultores, pois sem água a produção não é totalmente bem sucedida. Além desses, o Entrevistado 3, expressa em poucas palavras que o seu desejo é de estar trabalhando constantemente na terra, porque essa é a satisfação maior dos acampados e, por meio dele, eles retiram o seu sustento. Ademais, embora esses acampados tenham toda essa força de vontade, observa-se que uma das impeditivas que levam a alguns fracassos na produção é a falta de controle das pragas nas plantações, devido aos poucos recursos que eles possuem para realizarem o combate necessário a essa ameaça.

Diante da realidade vivenciada dentro do Acampamento União, podemos verificar que o modo de vida deles se assemelha a contribuições teóricas de Chayanov (1981), o qual foi abordado ao longo da disciplina de Geografia Agrária. Sob o olhar dele e, comparando com a realidade desses pequenos agricultores do acampamento, constata-se que a família

camponesa possui a sua produção baseada, primeiramente, nas necessidades familiares e no trabalho de cooperação entre eles próprios. Além do mais, o trabalho deles na terra não visava a expansão exacerbada das áreas cultiváveis com a finalidade do lucro, mas sim priorizando o mantimento das pessoas de sua convivência. Sabendo disso, o que também pôde ser observado é que assim como Chayanov (1981), foi notório que a terra para esses agricultores acampados possui um significado simbólico ligado a valores culturais, tradições históricas e a um sentimento de pertencimento à comunidade que foi formada a partir dessa ocupação. Desse modo, o valor que a terra tem para eles baseia-se na importância da sua subsistência, pois, sem essa pequena unidade produtora, eles não conseguiriam retirar o seu sustento diário e, consequentemente, a realidade deles seria bastante dura. Somando aos fatores do clima semiárido daquela região, vegetação, pouca disponibilidade de água e quase nenhum apoio dos órgãos públicos, a luta diária dos indivíduos do Acampamento União merece ganhar visibilidade, tendo em vista que são pessoas buscando o próprio sustento numa terra que antes estava inutilizada, mas que ganhou valor a partir do momento que aqueles pequenos agricultores passaram a ocupá-la.

5. ASSENTAMENTO PELA CONQUISTA

Partindo do município de Ponto Novo, em direção ao Município de Itiúba/BA, e chegando lá, visitamos uma filial da Cooperativa Monte Sabores, um local que comercializa produtos oriundos da agricultura familiar. Lá, observamos a grande diversidade que é gerada a partir da produção dos pequenos agricultores, como o mel de abelha, os licores de diversos sabores, o doce de leite e os itens feitos a partir do licuri, que é uma palmeira adaptada às regiões do bioma da Caatinga e possui propriedades farmacêuticas, antibacterianas e de hidratação. Feita essa visita a esse estabelecimento, fomos em direção ao Assentamento Bela Conquista, a 377 km de Salvador e localizado no mesmo município de Itiúba, onde pudemos conhecer um pouco mais da realidade daqueles assentados, como surgiu aquela forma de organização e o que eles produzem naquele lugar.

Pôde constatar-se que esse assentamento surgiu a partir do desejo dos pequenos agricultores, os quais vendiam a sua força de trabalho, desempenhando algumas funções nas fazendas em que eles eram contratados. Eles almejavam realmente um lote de terra para produzir e cultivar os seus próprios produtos e enxergavam que aquela realidade vivida nas antigas fazendas não valia a pena. Para chegar a um denominador comum, aqueles pequenos agricultores constantemente se reuniam para discutir quais seriam as terras improdutivas que

eles poderiam ocupar para tornar o desejo que eles tinham em uma realidade. A partir daí, eles decidiram ocupar as terras da Fazenda Bela Conquista, que era um local que pertencia ao Estado, mas que se encontrava a mais de 20 anos desativada. No dia 26 de julho de 1989, eles reuniram as suas famílias e ocuparam aquelas terras desabitadas, mas que possuíam um grande potencial para a produção de alimentos e criação de animais. No início, eles sofreram com o grande preconceito por parte dos habitantes daquela cidade, os quais enxergavam aqueles pequenos agricultores como pessoas invasoras de propriedades alheias, mas os moradores desse município não entendiam ainda a real finalidade que os pequenos assentados tinham naquela terra a qual eles passaram a habitar. Neste sentido, o apossamento das terras improdutivas tinha como função a libertação dos agricultores da região, pois a emancipação só é alcançada quando a terra é "transformada em propriedade social e cultivada coletivamente pelas cooperativas de trabalhadores agrícolas". (Engels, 1977, p. 14).

Diante das muitas disputas pela ocupação daquelas terras e com o apoio de alguns membros da igreja católica e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), foi marcada uma audiência na capital Salvador, com o até então governador Nilo Coelho, a fim de que fosse reconhecida a posse daqueles lotes para os assentados. A forma de ocupação nesta terra foi feita na divisão de pequenos lotes individuais e também em áreas coletivas para o uso de todos. Neste assentamento também se cria gado, ovelhas, bodes, mas a base de sobrevivência dessas famílias assentadas se baseia, principalmente, dos produtos plantados na hortaliça, como é o caso da cenoura, beterraba, coentro, alface, etc. O escoamento dos produtos deles se dá no próprio mercado da cidade, o qual de segunda a sábado existe a oferta de produtos oriundos da agricultura familiar, servindo de sustento para essas pequenas famílias e estimulando cada vez mais a produção deles. Contudo, nem sempre aquilo que eles produzem é capaz de suprir a necessidade dos assentados. Por isso, torna-se necessário a ajuda dos programas de beneficiamentos sociais, como o bolsa família e demais auxílios. Hoje em dia, existem mais de 70 famílias de posseiros fazendo parte dessa comunidade e cada um tem a sua carência específica, mas contam com a força dos próprios familiares e amigos assentados. Por outro lado, eles também possuem o privilégio de serem beneficiados por uma barragem que fica nas proximidades da fazenda e que abastece tanto o município, quanto o próprio assentamento que há dois anos foi contemplado com água encanada nas casas.

Devido à região de Itiúba fazer parte do semiárido baiano, uma área de grande escassez de chuvas, é de grande importância a disponibilidade de água para o plantio na terra e das necessidades individuais, embora a chuva nessa localidade não seja constante e só se

apresenta com mais intensidade nos meses de inverno. Nas palavras do Entrevistado 2, um assentado que permanece lá desde os tempos da ocupação, ele relata que um dos pontos que ele pode observar é que, atualmente, pouquíssimos jovens ainda desejam trabalhar na roça e seguir com os costumes da família. Essa pouca falta de interesse dos jovens se dá pelo desejo que muitos possuem de ter um futuro distante do trabalho pesado do campo. O que O Entrevistado 2 realmente sente falta é de uma educação voltada para as questões do campo, onde os jovens possam se qualificar profissionalmente, porém, não deixando de lado o trabalho na roça para ajudar os seus familiares no sustento de casa.

Com base nas contribuições de Chayanov (1981) sobre agricultura familiar, percebe-se que a finalidade da ocupação da Fazenda Bela Conquista nada mais era do que possuir uma terra para produzir alimentos para a própria subsistência das famílias dos assentados. Dessa forma, atender primeiramente às necessidades dos indivíduos estava à frente da obtenção do lucro produzido na terra, pois somente o excedente da produção seria comercializado. Portanto, esse assentamento continua de pé, recebendo toda a atenção da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e defendendo que a reforma agrária é um dos meios nos quais as famílias dos pequenos agricultores podem conquistar uma terra cultivável para produzir e sobreviver através dela.

6. COMUNIDADE UMBIGUDA

Durante o terceiro dia de campo, foi realizada a visita a comunidade Umbiguda localizada na rua Jacobininha, no município de Mirangaba - Bahia. Durante a visita foi possível conversar e observar a realidade do Fundo de Pasto. Segundo Paulo Ehle (2004), o termo Fundo de Pasto surgiu no sertão com as famílias que costumavam morar próximas umas das outras e que possuíam terras atrás de suas casas, sendo estes espaços utilizados em comum para pastagem e obtenção da renda da terra.

Uma das famílias das comunidades Fundo de Pasto visitadas foi a família do Entrevistado 4; sua família é composta por esposa e um filho, todos trabalham na agricultura e utilizam dela para subsistência. Durante a conversa com o Entrevistado 4, foi relatado que já estão a mais de 20 anos na produção e toda a plantação que inclui frutas, legumes, hortaliças, tubérculos, plantas medicinais, são todas produzidas sem o uso de agrotóxicos. A produção é utilizada para o próprio consumo e o excedente é vendido. De acordo com o Entrevistado 4 a produção da mamona é a principal fonte renda da família, pois conseguem vender para a produção de biodiesel a R$3,00 Kg.

A falta de disponibilidade de água é um fator determinante para a produção, segundo a esposa do Entrevistado 4, os meses de outubro, novembro e dezembro são os que possuem mais precipitações e durante esse período de chuva eles trabalham mais e assim conseguem vender mais. Na área de Fundo de Pasto da família do Entrevistado 4 eles possuem reservatórios, cisternas e caixas d'água que ao todo conseguem armazenar aproximadamente 53 mil litros de água.

De acordo com o que foi observado na área de Fundo de Pasto da comunidade Umbiguda, é possível identificar e relacionar a vivência com a visão proposta por Chayanov (1981). A sua visão destaca a importância da diversidade de sistemas agrícolas e a necessidade de considerar as especificidades das economias camponesas ao desenvolver políticas agrícolas e a importância da unidade familiar camponesa e na busca de equilíbrio entre produção e consumo.

7. COMUNIDADE PARANAZINHO

A Associação do Desenvolvimento Comunitário e Agrícola do Povoado de Paranazinho está localizada no sertão baiano, no município de Mirangaba – Bahia e conta com aproximadamente 190 casas no povoado. A comunidade possui certificado do Governo Estadual da Bahia, sendo reconhecida como Fundo de Pasto. A Lei Estadual Nº 12.910 de 11 de outubro de 2013 do Estado da Bahia, dispõe a regularização fundiária de terras públicas estaduais, rurais e devolutas, ocupadas tradicionalmente por Comunidades Remanescentes de Quilombos e por Fundos de Pasto e Fecho de Pasto e de outras providências.

Figura 2 – Placa: Área de Fundo de Pasto localizada na comunidade.

Fonte: Autores, Comunidade Paranazinho, Mirangaba-BA/2023

De acordo com o relato dos moradores da comunidade, o Governo da Bahia costeou os projetos Pró-Semiárido e Recaatingamento. Os projetos possuem como objetivos a garantia a segurança hídrica com a instalação de cisternas, o investimento em biodigestores para a geração de biofertilizantes e biogás, fogões ecológicos e educação ambiental focada para o desmatamento. Mesmo com a existência de projetos que visem garantir a segurança hídrica, a comunidade de Paranazinho ainda sofre com a falta de água, os moradores precisam andar de 6 a 8 km para pegar água e o açude a mais de 15 anos não atinge sua capacidade máxima.

Segundo a comunidade, a plantação e comercialização do sisal é considerada uma das principais fontes de renda para algumas famílias, o sisal é utilizado para a confecção de cordas, tapetes, artesanatos, entre outros. Os produtores conseguem vender o sisal por R$3,20 Kg, de acordo com a comunidade o trabalho é desvalorizado para o tipo de risco envolvido. Envolvendo a segurança dos trabalhadores, o trabalho em separar a fibra do restante da planta do sisal, se caracteriza como uma operação insalubre e os trabalhadores não pagam ao sindicato. As mulheres que pagam ao sindicato relataram que não possuem assistência do mesmo quando precisam sair de licença maternidade.

A comunidade possui formação até o 5° ano do ensino fundamental, e nesta circunstância, é preciso se deslocar do território em que vivem para continuarem estudando. Quando perguntado a comunidade qual é a principal dificuldade que eles enfrentam, disseram que a falta de trabalho que não seja no âmbito de produção agrícola, e que junto com isso, um ensino voltado à realidade concreta em que eles vivem. Os moradores da comunidade também relataram a dificuldade em manter os jovens no campo, entretanto tentam fazer com que os jovens vejam os benefícios em trabalhar no campo.

A comunidade se apresenta numa relação em conformidade com princípios de cooperação, com base numa abordagem que consiste na centralidade da família para a produção camponesa, cuja finalidade é atender a priori as necessidades familiares interna, ficando em segundo plano a comercialização da produção agrícola (Chayanov, 1981). Chayanov também argumenta que a economia camponesa funcionava de maneira distinta,

com um equilíbrio entre o que era produzido e o que era consumido, levando a práticas agrícolas mais sustentáveis e à preservação dos recursos naturais.

8. ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE TRADICIONAL DE FUNDO DE PASTO - ACTRAFP

A Fazenda Quina, juntamente com a Associação da Comunidade Tradicional de Fundo de Pasto, localizada no município de Campo Formoso na Bahia, concentra em sua história a implementação de parques eólicos, se colocando num impasse com as comunidades de Fundo de Pasto cujo esta fazenda faz parte. Isso se condiciona pelo fato da característica comum das comunidades de Fundo de Pasto é ter a terra como bem comum, onde todos possam pastar com seus animais, e a partir do momento em que um determinado espaço é cercado para pôr parques eólicos, sua função inicial de uso livre e comunitário é restringido pela manutenção dos aerogeradores, pondo em contradição a relação com a terra.

Figura 3 - Pintura artística que representa o seu modo de vida.

Fonte: Autores, 2023.

Durante a visita a Fazenda Quina, fomos orientados dos processos históricos pelo professor entrevistado 5, possuidor do título de mestre em ciência rural, e sendo também o presidente da associação Fundo de Pasto da região. Ele nos disse que durante o período inicial da comunidade, havia pouca possibilidade de ascensão na qualidade de vida, derivado da seca e do baixo respaldo econômico que pairava na comunidade, sem expectativa de desenvolvimento e emancipação. Nesta situação de vulnerabilidade, em 2007 algumas empresas do ramo de produção de energia eólica foram à comunidade em busca de negociação para o arrendamento das terras no intuito de executar testes de potencial eólico no espaço. Como a comunidade buscava renda, a negociação foi feita, o que garantiu uma forma alternativa de renda na fazenda. A partir do ano de 2012, o período de teste foi finalizado, o que levou a uma mudança qualitativa na relação com a comunidade. A empresa, vindo agora com um novo contrato confeccionado de forma unilateral, propôs à comunidade o recebimento de 1,5% da produção de energia total gerada pelos aerogeradores, tirando a renda fixa gerada pelo arrendamento. Além disso, foi nos dito pelo entrevistado 5 que este contrato unilateral impõe medidas desvantajosas para a comunidade, como por exemplo a obstrução de acesso aos relatórios de renda e produção de energia eólica, a multa altíssima levando em consideração a renda potencial gerada em 40 anos de contrato numa eventual quebra de contrato, e os longos anos de uso da terra cedido a empresa para explorar o vento por arrendamento. A despeito das mazelas contratuais, pode-se levar em consideração, como mencionado pelo próprio entrevistado 5, as consequências na vida dos moradores próximos aos aerogeradores. Foi relatado que o barulho produzido pelos aerogeradores fica insuportável, indicando que ao longo prazo, pode gerar estresse, problemas cardíacos, e deterioração na qualidade de vida, de forma que pudemos constatar em campo o barulho dos aerogeradores. Foi possível notar que as casas foram forradas por dentro com gesso no intuito de conter o incômodo gerado pelo barulho, o que em consequência poderia permitir um alívio auditivo enquanto estivessem dentro da residência. Em conjunto a isso, é relatado também a respeito de como o som perturba os animais da fazenda, fazendo-os entrar em conflito entre si, muito provavelmente pelo estresse gerado pelo barulho, modificando a relação do animal para com o ambiente.

Resgatando mais informações gerais da implementação dos parques e de sua relação com as comunidades de Fundo de Pasto, foi nos dito que o primeiro parque eólico foi implementado em 2015, apesar do interesse empresarial e dos projetos terem sido iniciados a

no mínimo 8 anos antes. Ao todo são 3 complexos eólicos que atuam na região, afetando 4 comunidades locais incluindo a Fazenda de Quina.

Para além de uma análise descritiva, cabe ressaltar a importância da aplicação teórica no intuito de apreender os elementos que inicialmente parecem soltos e desconectados da estruturação econômica que tange às comunidades sob a lógica do sistema capitalista. Por tanto, vale lembrar das reflexões postas por Mariana Traldi (2022) em seu livro sobre a Acumulação por Despossessão (2022). Em sua tese no capítulo 6, onde se discute a respeito da produção da energia eólica em relação à renda da terra, é deduzido que os ventos estão sob o controle do proprietário da terra, visto que a constituição brasileira garante ao proprietário não somente o domínio do solo, mas também o controle do espaço em altura. A partir desta colocação, pode-se inserir o conceito desenvolvido por Harvey (2010) de Acumulação por Despossessão, cujo sua função na dinâmica econômica é desapropriar os bens antes de pertencimento comum no intuito de maximizar o acúmulo de capital das empresas que atuam na produção de energia eólica. Ainda segundo Traldi, ela sugere alguns desdobramentos da Acumulação por Despossessão:

> O objetivo principal dessas novas estratégias seria a expropriação de espaços já existentes a fim de encontrar novas oportunidades lucrativas para os excedentes de capital. Entre esses novos mecanismos de acumulação estariam: os direitos de propriedade intelectual que permitem o patenteamento e o licenciamento de material genético; a transformação em mercadoria de formas culturais, históricas e da criatividade intelectual; a corporativização e privatização de bens públicos e de bens comuns como a água, e incluímos aqui o vento; e a mercantilização por atacado da natureza em todas as suas formas. (Traldi, 2022, p.151)

Olhando para a Fazenda Quina, nota-se que a renda da terra é extraída pelos proprietários dos parques a partir do arrendamento da terra, na qual a produção de energia eólica se configurando como um atributo condicionado pelo controle do terreno, oportuniza o lucro a empresa e o pagamento de uma pequena parcela ao arrendador. Este processo se configura como Acumulação por Despossessão na medida em que sua reprodução se baseia na expropriação de um bem comum para a acumulação de capital, que neste caso são os ventos (Harvey, 2010).

Figura 4 - Paisagem da fazenda sob inserção dos aerogeradores.

Fonte: Autores, 2023.

9. COMUNIDADE MAROTA - CARNAÍBA DE BAIXO

Dando continuidade às atividades do dia 17 de agosto, seguimos para a Comunidade de Marota no município de Carnaíba de Baixo. Nosso encontro com os integrantes da associação foi na garagem de uma residência de um dos moradores, a associação é composta por cerca de 60 moradores dos quais majoritariamente são de pessoas mais idosas, existe uma pequena participação dos mais jovens nas atividades realizadas por eles. A Formação da comunidade iniciou-se durante o ano de 1987, as reuniões da associação aconteciam inicialmente em uma igreja. Uma das principais batalhas travadas entre os moradores de

Marota é com as mineradoras, grileiros e como os parques eólicos que tentam usufruir dos poderes políticos para desapropriar as pessoas de suas terras. Desde 2000 eles tentam conquistar a certificação das terras para utilização comunitária entre os residentes, porém sempre existem conflitos criados pelos órgãos regularizadores que tornam inviável a realização dos trâmites. Alguns moradores mencionaram em breves momentos que a chegada das mineradoras acarretou em alguns problemas ambientais que acabaram sendo acobertados por inação do poder público. Um destes casos foi a poluição da água de um pequeno riacho utilizado pela população que em decorrência dos despejos químicos alterou a coloração da água.

A empresa por sua vez disse que aquilo não afetaria a saúde dos moradores e muito menos a água do local. Outro caso ocorrido na comunidade foi a constante visita de uma engenheira comentando os benefícios da chegada de mais mineradoras no local, afirmando que acarretaria em inúmeras mudanças benéficas para o município e seu desenvolvimento. O principal lema mencionado pelos moradores é “Fé e Esperança” e não existe uma explicação mais clara do que a de analisar os sentimentos e atitudes dos povos de permanecer lutando pelos seus costumes e suas terras. O abandono político permanece sendo uma intriga, ao invés de cumprir com o seu dever de ajudar e apoiar a população, se vende a troco de causar discórdias. Conciliando tudo isso com a questão agrária, se percebe a forte presença da união do campesinato contra a interferência do estado e das empresas mineradoras em seu modo de vida.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tal experiência a qual nos foi proporcionada com a proximidade do cotidiano dos camponeses e comunidades de Fundo de Pasto no seu espaço de habitação, apresentou em diversos aspectos as diferenciações sociais, econômicas e rurais, A pluralidade de vicência mediante as dificuldades presentes no ambiente no contexto das abordagens e das lutas de classe reforçou a importância sobre o pensamento do homem camponês e o campo serem espaços vividos de aprendizagem. Na produção de um documento de registro como esse que trafega por inúmeros meios de estudo com importantes datações e informações, é necessário manter a voz e o conhecimento de outrem em evidência. É enfatizado também com base nos resultados a importância dos quintais para as comunidades, ele torna-se um espaço de união e

atribui uma grande autonomia para as famílias que buscam um refúgio para a continuidade de tradições familiares e uma alteração na culturalidade.

No Brasil, as questões agrárias e de utilização do espaço são discutidas com pouca transparência nas comunidades. O avanço dos parques eólicos e a falta de legislações públicas que assegurem o bem-estar físico e mental dos agricultores são alguns dos elementos que precisam de pleno conhecimento da população como um todo. A questão hídrica, com planos de distribuição de água potável e própria para a utilização das comunidades também se tornam pontos a serem pauta de amplos debates.

Enquanto a luta dos trabalhadores contra o capital tem como limite a necessidade de conservá-lo para preservar a si próprio, a dos camponeses revela o esforço contra a assimilação que significaria a sua destruição enquanto sobrevivente em uma localidade dita como inóspita. É de se agradecer imensamente as oportunidades que nos foi dada ao longo de todo o percurso pelo centro norte baiano, tanto do nosso guia, quanto das associações e dos palestrantes. Todas essas informações adquiridas agregaram um enorme peso na nossa bagagem que chamamos de conhecimento, e que nos deixou a questionar o modo de utilização dos nossos meios de produções globais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Rio de Janeiro: Editor, 1902.

EHLE, Paulo. **Banco de Dados GeografAR**. Entrevista. Salvador, 2004.

ENGELS, Friedrich. **As guerras camponesas na Alemanha**. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1977.

ESTADO DA BAHIA. **Lei nº 12.910**, de 11 de outubro de 2013. Dispõe sobre a regularização fundiária de terras públicas estaduais, rurais e devolutas, ocupadas tradicionalmente por Comunidades Remanescentes de Quilombos e por Fundos de Pastos ou Fechos de Pastos e dá outras providências. Bahia, 2013. Disponível em: http://www.sepromi.ba.gov.br/arquivos/File/LeiDispoe.pdf. Acesso em: 25 nov. 2024.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010. 201 p. ISBN 9788515029716.

MARQUES, Leônidas de Santana. As comunidades de fundo de pasto e o processo de formação de terras de uso comum no semiárido brasileiro. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 2016.

TORRES, P. R. **Terra e territorialidade das áreas de fundos de pastos no semiárido baiano** – 1980-2010. 134 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2011.

TRALDI, Mariana. **Acumulação por despossessão: a privatização dos ventos para a produção de energia eólica no semiárido brasileiro**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2022.

WEBER, M.; ENGELS, F.; LENIN, V. I.; KAUTSKY, K.; CHAYANOV, A. V.; STALIN, J. **A questão agrária**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

Jhonata Marcelino da Silva

Bacharelando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: jhonata.silva@ufpe.br

José Mário de Lima Barbosa Júnior

Bacharelando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail:jose.mjunior@ufpe.br

Maria da Conceição da Silva

Bacharelanda em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail:conceicao.silva4@ufpe.br

Vitor Aluizio Cavalcante de Oliveira Lima

Bacharelando em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: vitor.aluizio@ufpe.br

Sabrina Pereira Barbosa

Bacharelanda em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco.

E-mail: sabrina.spb@ufpe.br